

CHAVES (Santa Maria Maior)

Santa Maria Maior é uma freguesia urbana do concelho de Chaves, que integra o distrito de Vila Real. A igreja de Santa Maria Maior localiza-se junto da Praça da República e da Praça Camões e dista cerca de 350 m da Ponte Trajano. Sair da ponte Trajano pela rua da Ponte, atravessar o largo do Arrabalde e seguir pela rua Direita; virar à esquerda na travessa das Caldas e depois à direita na rua dos Gatos até chegar ao Largo Caetano Ferreira. A igreja de Santa Maria Maior encontra-se do lado direito.

A igreja de Santa Maria Maior é a igreja matriz da cidade de Chaves. O seu enquadramento é urbano, intramuros, e integrado na malha urbana.

O povoamento de Chaves remonta ao paleolítico. A ocupação romana de *Aquae Flaviae* deixou marcas indeléveis na cidade, de que a ponte de Trajano sobre o Tâmega se tornou *ex-libris*. A via romana que seguia de Braga a Astorga, a XVII do Itinerário de Antonino, tinha no local uma *mansio* para descanso rápido e uma *statio* para maior demora, o que aliado às termas conferiam à região um estatuto privilegiado. Ocupada por Suevos e Visigodos no início do século V, como nos relatou Idácio, Bispo de Chaves, e certamente arruinada pelos muçulmanos no início do século VIII foi reconquistada por Afonso I de Leão, cerca de 40 anos depois.

É nos reinados de D. Afonso III e D. Dinis que a vila de Chaves assume uma clara preponderância política e cultural, de que é reflexo a igreja matriz de Santa Maria Maior.

Em 1386, Chaves passou do senhorio da Coroa para senhorio particular. D. João I doou então a vila de Chaves a D. Nuno Álvares Pereira, concedendo-lhe os direitos de padroado e toda a jurisdição. Mais tarde, em 1401, D. Afonso, conde de Barcelos e primeiro duque de Bragança, casa com D. Beatriz filha do Condestável, recebendo a vila de Chaves.

Igreja de Santa Maria Maior

O TEMPLO ROMÂNICO DE SANTA MARIA MAIOR terá sido edificado provavelmente nos finais do século XII, se não já no século XIII, sobre um templo anterior.

As primeiras referências documentais à igreja de Santa Maria Maior datam das Inquirições Gerais do reino ordenadas por D. Afonso III. Quando os inquiridores de 1258 e 1259 chegam a Chaves, decorriam as obras de edificação do castelo e de transformação da igreja de Santa Maria Maior.

Em setembro de 1262 foi instituída nessa igreja uma colegiada, devido ao grande número de habitantes e à crescente importância do núcleo habitacional.

Em 1320-1321, o catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino taxou a igreja de Santa Maria Maior, no contexto da Terra de Chaves, em 400 libras: 200 libras pagas pelos beneficiados da igreja e as outras 200 libras taxadas sobre as rendas auferidas por pessoas leigas, nessa mesma igreja.

Em meados do século XV era uma das mais importantes colegiadas do arcebispado de Braga e as duas razões aí

instituídas foram dilatadas após a visita de D. Fernando da Guerra à vila de Chaves, em maio de 1434. Foi então recebido por D. Afonso, conde de Barcelos e padroeiro da igreja que pretendia ver reconhecido o prestígio social e político daí resultante.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, a vila de Chaves pertencia à comarca de Bragança. O orago da igreja era Nossa Senhora da Assunção, tinha sete altares e duas naves, com cinco arcos de cada lado. Na igreja existia uma relíquia de "uma conta chamada – Adriana – assim denominada do papa Adriano VI [...] he de pau e tem a cor das que vem de Jerusalem do tamanho de uma avelã e está engastada em prata e cravada com huma taboa envernizada em que se acham escriptas as indulgencias que lhe foram impostas das quaes sem limitação participam todos os rozaños ou contas que nella tocam".

No Museu da Região Flaviense estão depositadas duas arcas tumulares, com tampa, provenientes das imediações da igreja matriz. Ricardo Teixeira faz uma análise de



*Perspetiva geral
da igreja. Alçado
oeste*

ambos os sarcófagos, bem como de outros vestígios romanos e medievais originários desta freguesia.

A construção de uma nova igreja no século XVI conduziu ao desaparecimento da igreja edificada na época românica. Nesta altura edificou-se uma ampla igreja de três naves, com volumes diferenciados, e abside com abóbada de combados, então reedificada. A julgar pelos vestígios remanescentes, a edificação românica teria uma só nave com torre quadrangular elevada sobre o portal principal, solução arquitetónica que Carlos Alberto Ferreira de Almeida reconhece como rara no contexto arquitetónico português. O modelo das igrejas românicas com portal abrigado por torre é mais comum às regiões da Galiza, Leão ou Castela. Com a ampliação da igreja realizada no século XVI, o portal principal passou a permitir o acesso à nave lateral norte, havendo, portanto, um ajuste ao nível do eixo central da igreja que passou, assim, a ficar a sul deste. Aquando desta transformação, foi criado um novo portal principal e um lateral, no alçado sul. Ambos apresentam-se já dentro do espírito renascentista, claramente inspirados na tratadística da época e assumidos pela historiografia da especialidade como peças de notável labor.

O portal oeste da igreja de Chaves encontra-se, portanto, protegido por torre de planta quadrangular que se

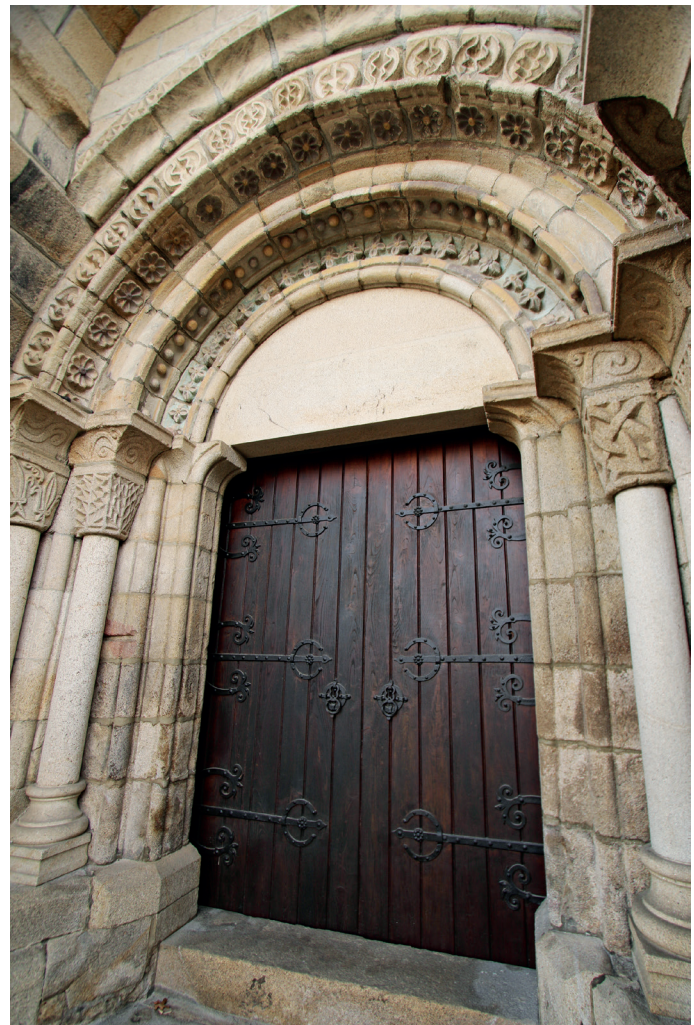
eleva sobre este. Abrigando o portal, cria-lhe ainda maior profundidade. A composição do portal é bastante erudita ao nível da composição e da plástica adotada revelando a qualidade do estaleiro que na época românica laborou em Chaves. Compõe-se o portal de três arquivoltas escalonadas, sendo as duas exteriores sustentadas por colunas. No limite superior do conjunto persiste um arco envolvente ornado com losangos enlaçados. Os motivos escultóricos apresentam-se bem biselados. Na arquivolta exterior, as aduelas mostram na face externa um motivo pouco comum ao românico português, que se aproxima de uma flor estilizada e rosetas na face interna. Na intermédio vemos um toro na face externa e o motivo das meias esferas na interna, enquanto que a interior é marcada pela presença dos quadrifólios que um toro delimita. Ambas as impostas mostram uma ornamentação muito plana, composta por enrolamentos.

A configuração dos capitéis remete para uma cronologia avançada. São altos e a escultura está biselada, bem presa ao cesto. Todos eles mostram uma temática distinta ao nível da decoração, seja ela de sabor vegetalista ou mais geometrizar. Os fustes das colunas são lisos e assentam sobre bases de sabor clássico. Como estes dois elementos são enformados por um granito de grão diferenciado,

questionamos se não resultam de uma intervenção posterior que terá substituído os originais. O tímpano é igualmente liso e deriva de uma intervenção posterior. Digna de nota é a torre. Assumindo hoje a função de sineira, com duas ventanas por face, tem uma elevação superior à da nave central da igreja. Tem cobertura de quatro águas. Sobre a nave lateral norte vemos dois registos. O inferior é rasgado por estreita fresta que permite a iluminação do espaço interno. O superior corresponde ao das ventanas para acolhimento dos sinos. Estas são definidas por arcos de volta perfeita. Ornamenta-as uma estreita arquivolta com motivo perlado e delimitada por toro diédrico, que se prolonga até à base do arco ao modo de colunelo. Assentam as arquivoltas sobre imposta que se prolonga ao modo de friso em todo o perímetro da torre. Repete-se aqui o motivo das pérolas e, sob este, acrescenta-se o das palmetas estilizadas, motivos fitomórficos ou motivos ziguezagueantes, apesar do desgaste verificado nalguns dos trechos.

Entre estes dois registos da torre persistem em todas as suas faces modilhões esculpidos com figuras humanas a segurar pipos e, outros, com motivos florais. Atendendo à sua localização, julgamos que os mesmos sustentavam a estrutura de um balcão em madeira que circundaria a torre em toda a sua volta.

No alçado oeste da torre, sobre o prolongamento da imposta e na enjunta das ventanas vemos uma figura humana de corpo inteiro e relevada. Apesar da rudeza do talhe, conseguimos perceber que se trata de uma figura masculina. Está em pose de elevar os braços aparentando



Portal ocidental

Torre. Modilhões no alçado norte





Torre. Alçados este e norte

segurar um arco em ferradura e apresenta uma decoração em encavo. Questionamos o significado deste arco. Poder-se-á tratar de uma *aura velificans*, elemento muito comum na mitologia do mundo greco-romano e que simulava o movimento da abobada celeste. Trata-se de um elemento muito comum à época em que foi redigido o Apocalipse. Tratando-se de um elemento clássico, o arco foi transmitido da Antiguidade clássica para a iconografia cristã através de diversas formas, sendo particularmente difundido através da iluminura.

O interior da igreja foi profusamente alterado por força da ampliação do século XVI, nomeadamente no reinado de D. João III, e ainda por sequentes atualizações de gosto ocorridas ao longo da época moderna.

A atual igreja de Santa Maria Maior terá tido origem num templo cristão do período suevo. A igreja românica terá sido construída na transição do século XII para o XIII. Da sua estrutura medieval subsistem a torre sineira e o seu portal e constituem um caso de exceção no românico



Torre. Alçado oeste

português. A elevação da torre, os seus elementos ornamentais e a qualidade do arranjo do portal confirmam a preponderância que a cidade de Chaves teve na época românica. Talvez por isso, a igreja de Santa Maria Maior, igreja matriz de Chaves, é, segundo Geraldo Coelho Dias, o melhor "documento-monumento" do esplendor cultural de Chaves na idade média. Foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 1997.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNG

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 102; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 125; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 112; ANEIROUS LOUREIRO, M., 2019, pp. 90-100; BOISSELLIER, S., 2012, p. 158; DIAS, G.J.A.C., 1989, pp. 108-116; DIAS, N.J.P.P., 1990, pp. 43-58 e 90-94; MARQUES, J., 1988, p. 486; MEM. PAROQ. 1758 (2006), pp. 209-217; PMH, INQ., p. 1527 (de 1258); SIPA; TEIXEIRA, R., 1996, pp. 46-47.